

Quebra de produção afecta outras culturas

As previsões do Instituto Nacional de Estatística (INE) falam de uma "quarta negativa" da actividade agrícola em Portugal com quotas "expressivas e generalizadas" em várias culturas. Os produtores de cereais não podem estar optimistas se que se arrastarem quotas de produção agrícolas, com a produção de batata a descer em 20 por cento quando comparada com a produção média do ano passado. Nas pomaras a situação não é mais rosada e espera-se mesmo que a produção não seja comercializada devido aos baixos preços dos frutos. No caso de batata de sem papa a colheita já está concluída e sabe-se que há um decréscimo de 20 por cento da produção. O vinho poderá contudo descer com a produção de batata tuberosa em regime de regadio cuja colheita não está ainda concluída. Para esta produção o valor de quebra previsto pelo INE é de 15 por cento. "Mas de um modo geral os tubérculos apresentam uma qualidade inferior à do ano transacto", acrescenta o mesmo instituto na sua divulgação sobre a previsão da actividade agrícola da época 2005/2006.

Na produção do milho esperam-se quebras semelhantes com decréscimo de 20 por cento para o milho saquinho e 15 por cento para o milho em regime de regadio. Nas leguminosas sem a quebra no rendimento podem chegar a menos 15 por cento no grão-de-bico. No balneário pelo INE é ainda referido o aumento das quotas de produção das espécies de agricultura com destino à alimentação animal aponta nos sistemas de rega. "Temos custos reduzidos quer do aumento do preço do gado quer do consumo de alimentos de origem animal devido à redução de alguns materiais de produção", lê-se na nota divulgada pelo instituto.

A.M.

QUEBRA DE 20 POR CENTO NA PRODUÇÃO ACOMPANHADA DO AUMENTO DA QUALIDADE DO PRODUTO FINAL.

Menos vinho, mais qualidade



As perspectivas para este ano não são animadoras

A meio da época das vindimas as estatísticas do Instituto do Vinho e da Vinha não são animadoras e apontam para uma quebra na produção vinícola nacional de 20 por cento. Contudo os produtores não estão desanimados e esperam que esta campanha se destaque pelo aumento da qualidade do vinho.

ANA MALALAGA

...A análise das vindimas já começou e a maioria dos produtores está convicto que a previsão de quebras na produção nacional é já uma realidade. As estatísticas mostram que os negativos o principal motivo apresentado para a diminuição de 20 por cento em relação à campanha do ano passado é a seca sensível no vinho. "Como não choveu o subcorte na fase de maturação a um ano de menor humidade para dar quantidade", explica fonte do Instituto do Vinho e da Vinha (IVV). Mas os especialistas garantem que menos quantidade será suficiente de maior qualidade.

A região do país onde a quebra na produção será maior é nos Açores onde a diminuição em relação ao ano passado

deve atingir os 45 por cento, passando de 21 mil hectolitros para 12 mil. No Continente a região que deverá produzir menos é o Alentejo, onde as previsões do IVV apontam para uma baixa de 30 por cento. Dos 433 mil hectolitros produzidos na campanha anterior passase-se para 300 mil na campanha de 2005/2006. Na serra da Beira, a tendência é também para a quebra de menos anos, cerca de 25 por cento menos da que em 2004. Na serra da Beira a produção será de 1294 mil hectolitros, este ano o valor deverá reduzir para os 951 mil.

...A Norte as estatísticas apresentam boas notícias, mas não devem de apresentar indicadores preocupantes. Os produtores de vinho no Douro deverão sentir uma baixa de 22 por cento com a produção a passar de

1646 mil hectolitros para 1285 mil em Trás-os-Montes a tendência é semelhante com a previsão do IVV a indicar uma baixa de 21 por cento. No ano passado colheram-se 1872 mil hectolitros, este ano estima-se chegar aos 1470 mil. No Minho a quebra será menos acentuada, cerca de 15 por cento, e nesta campanha a produção não deverá ultrapassar os 811 mil hectolitros. Já no centro do país os dados são semelhantes e na região da Bairrada as quebras poderão ir até aos 17 por cento, com 310 mil hectolitros para produzir.

Dão no melhor

De estatística elaborada pelo IVV os produtores da região do Dão são os únicos que podem estar optimistas. A possibilidade de uma quebra na produção está atenuada e prevê-se um aumento do preço por cento em relação à campanha do ano passado. Mais do que os 174 mil hectolitros produzidos no ano passado, a produção poderá atingir este ano 190 mil. "Fortemente à espera de um aumento de dez por cento, mas como faltou chuva no final de Agosto o aumento será ligeiramente mais baixo do que a previsão oficial", afirma Carlos Mota, responsável da Comissão do Conselho Vitivinícola Regional do Dão, realçar que a produção vai atingir os 400 mil hectolitros.

A justificar este aumento de quantidade e de qualidade, aponta os condições climáticas no final de Maio e início de Junho que permitiram uma "boa época de floração". A falta de chuva e a ausência de diferenças acentuadas da temperatura diurna poderá ser trancado por chuvas moderadas de Maio, mas não no Dão. "Só não digo que a produção deste ano é excelente porque não tenho o expoente mínimo, mas afirmo que é um ano de muito boa qualidade", expostos Carlos Costa. Se pudesse ocorrer afluência sobre as condições meteorológicas de este tipo de brincadeira que apenas atrasou o início de Setembro para final de Agosto, seria abençoado que se sentiu sem repercussões graves falta de humidade nas vindimas.

Na Bairrada as previsões de quebra de produção não foram surpresa

A Comissão Vitivinícola Regional do Dão afirma que o aumento da qualidade do vinho repercute ligeiramente as vendas ainda que o poder de compra

dos portugueses não seja uma indicação para que esta realidade se vertifique. Os produtores locais entendem que a alternativa é apostar na exportação do vinho Dão e já iniciaram os passos para poderem avançar com acções de marketing. Disseram, é o país que gostamos de ocupar como principal mercado para as exportações, mas para alcançar os 100 mil hectolitros de vendas internacionais há dez anos o Registo do Conselho do comércio da agricultura tem de atingir pelo menos 100 mil vendas em publicidade.

...Te exportamos muito vinho para a Alemanha, alguns para o Brasil, e quando estamos a vender esse vinho pelo de guerra não conseguimos", aponta Carlos Mota como o principal motivo para as exportações serem diminuídas. Agora mais optimista com a recolha das uvas, Carlos Mota, os produtores não esperam perder a confiança que tiveram com o mercado dos Estados Unidos, Alemanha e Brasil. "Estes mercados são muito certos", assegura.

Esses de stock

Na Bairrada as previsões de quebra de produção não foram necessariamente negativas e os produtores estão confiantes que mesmo que a produção não atinja os 20 por cento do que no ano anterior não haverá repercussões significativas. "O problema é vender o vinho que estivesse em stock", avança o secretário-geral da Comissão Vitivinícola da Bairrada ao JANEIRO. Pedro Correia-Rodrigues já está convencido que a qualidade do vinho da região está garantida e pela colheita já feita para a produção do vinho branco é de esperar uma vitória. "Os produtores começaram que não podia ser um ano melhor, foi como um colapso silencioso", aponta. Para o resto sabe-se que há uvas ainda, mas os produtores estão na expectativa que a colheita de início do mês de Setembro tenha sido benéfica.

O responsável acrescenta a dizer que se o vinho da Bairrada estiverem apreciados com sistemas de rega seria um dos melhores anos da produção vinícola. "O estado sanitário das uvas está extraordinário, o único senão é a falta de humidade", explica Pedro Correia-Rodrigues para quem a seca condicionou a quantidade das vindimas. O secretário-geral da Comissão Vitivinícola da Bairrada realça que o regime grande para das vindimas tem vindo a ser aplicado nas mais modernas que se começa

Decréscimo da uva de mesa

As previsões do Instituto Nacional de Estatística (INE) apontam para uma diminuição geral da produção de uva de mesa de 10 por cento quando comparada com o ano passado e de 12 por cento relativamente à média do último quinquénio. A colheita de 2005 deverá atingir os 47 mil toneladas, quando os dados provisórios do ano passado indicam uma produção de 25 mil toneladas. Para a produção de uva de mesa o número de hectares em 2002 quando se registou uma produção de 58 mil toneladas. Tirando esse aumento, segundo dados do INE, desde 2000 que a produção média de uva de mesa tem sido de 52 mil toneladas.

a apoiar em sistemas de rega. Em todo o caso, e dada as últimas alterações climáticas, a médio prazo esta alternativa deverá ser implementada pela maior parte dos viticultores desta região do país.

Faltam incentivos

Mais a Norte a aposta em sistemas de rega poderá ser o primeiro passo e o presidente da Comissão Vitivinícola Regional de Trás-os-Montes questiona porque motivo os vinhos espanhóis conseguem apoiar de fundos comunitários para a sua implementação e em Portugal não há incentivos. Carlos Mesquita defende que para esta região o maior benefício seria incentivar os sistemas designado rega gota a gota, que está permanentemente ligado e que é essencial na manutenção das vinhas durante os três primeiros anos. "No fim do período esta técnica tem custos de 90 por cento. Seis este recurso o aumento é de 60 por cento", comenta.

Em todo o caso, o presidente da Comissão Vitivinícola Regional de Trás-os-Montes explica que para os produtores que não vão ter quebra na produção este sistema não é muito rentável já que a legislação limita cada produtor a produzir 11 hectolitros por cada hectare. Para Carlos Mesquita o desafio lançado a cada um é regular o sistema de rega já que em excesso pode trazer prejuízos.

Em Trás-os-Montes os produtores estão conscientes que o quebra na produção tem sido significativo como as previsões do IVV, com um decréscimo de 20 por cento, sobretudo por ter cres-

cido no início de Setembro. O presidente da Comissão Vitivinícola Regional de Trás-os-Montes não amica começar com estatísticas, argumentando que qualquer resultado carece de fiabilidade, mas fala apenas numa "santa perda" devido ao apelo híbrido das vinhas. "A colheita de Setembro chegou no momento oportuno e deu o vigor que faziam as uvas", explica.

Carlos Mesquita diz também estar consciente que esta colheita se vai distinguir pela qualidade dos vinhos superiores e dos vinhos de qualidade produzidos em regiões determinadas (VQPRD), com especial incidência nas castas dos tintos. Para isso explica que contribui a heterogeneidade da produção e do esta-

A participação dos turistas nas vindimas já é frequente

do auxílio das uvas nas três zonas abrangidas em Trás-os-Montes (o Paredo Mirandês, zona Intermediária e zona da Terra Quente).

Aposta no enoturismo

No Douro a expectativa semelhante é o Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto (IVDP) confia que os viticultores vão compensar a quebra de 22 por cento na produção com o aumento da qualidade dos vinhos. "Cada produtor tem o seu volume na produção, mas não se esperam prejuízos porque os preços poderão aumentar ligeiramente", prevê Jorge Dias, da direcção do IVDP, acrescentando que a qualidade das uvas é o factor que se destaca neste cenário. O empresário ressalta contudo que os lucros dos viticultores está sempre dependente das condições climáticas e afirma que se em Setembro não tivesse chovido os produtores não poderiam estar nesta altura tão optimistas.

Jorge Dias acrescenta que na re-

A produção do vinho verde abrange cerca de 35.000 viticultores

gião do Douro a aposta no enoturismo deve ser encarada como uma mais-valia para os produtores. "Actualmente não há só empresas que organizem viagens ao Douro como as quintas também têm um paralelo com a sua actividade principal o enoturismo", refere. A participação dos turistas nas vindimas já é frequente em alguns casos e o elemento da direcção do IVDP fala nas "rotundas ligadas" em que os turistas passam as uvas aos lagares dos produtores. Apesar de haver muitas rotundas portuguesas de que estrangeiros, os proprietários das quintas confirmam que está a ser feito um esforço para chamar mais turistas de fora de Portugal.

"O produto turístico começa com viagens de comboio e passeios de barco, mas a tradição que há nas vindimas faz com que a oferta turística se alargasse", refere.

Inflação atizada

Na região dos vinhos verdes as previsões feitas pelo IVV não foram recebidas com preocupação já que a ligeira quebra de produção não deverá trazer repercussões económicas. Em declaração ao JANEIRO, o presidente da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, Manuel Pinheiro, explica que no Mirão há quantidade de vinho em stock para garantir um ano de consumo, pelo que não há a temer a possibilidade de inflação dos preços.

O que diz ser uma tendência ligeira de aumento quer de custos quer de preços não será compensada de um aumento da qualidade do vinho produzido. "O tempo quente do Verão, preventiva desfavorável ao regime de sul do país, é muito bom para nós pois permite obter uma boa maturação das uvas que podem ser vindimadas até à época dos dias-vios", refere para argumentar que esta ano ficará registado como "um ano de excelentes vindimas" que fará esquecer a queda dos índices de produção. Quando comparado o valor previsto para este ano com a média dos últimos três anos a quebra não atinge valores significativos.

Com especial incidência no Mirão, a produção do vinho verde abrange cerca de 35.000 viticultores numa área de aproximadamente 34.000 hectares, seja dos mais significativos em toda a Europa. Portugal exporta para mais de 40 países e tem na França, EUA, Alemanha e Argélia os principais mercados. Nesta ocasião de aumento as vendas dos produtores aumentaram cerca de 100 mil euros numa campanha publicitária que se prolonga durante toda a época de exportação.

Porém resultados já obtidos a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes diz estar satisfeita com o crescimento do volume total das vendas quando comparado com igual período do ano passado. A forte competitividade na região reflecte-se num aumento de 1,8 por cento das vendas, atingindo 57,3 milhões de litros. O aumento mais significativo deu-se no Vinho Verde branco, que atingiu os 32 milhões de litros, mais 4,5 por cento relativamente ao ano passado. Já no tinto verificou-se uma quebra de cerca por cento, para 1,3 milhões de litros.

O presidente da comissão diz não ter disponíveis os dados de exportação, mas avança que este aumento das vendas reflecte-se sobretudo nos mercados externos, onde têm procurado realizar diferentes acções promocionais.



Não deverá haver uma escalada dos preços



As vindimas começam a ser uma atracção turística



A produção de uva de mesa também está em queda